

Existe racismo na Igreja Católica?

Padre Mauro BH

Fora da África, o Brasil é o país que tem a maior população negra, mas...

Minha análise parte da observação da realidade e não de suposições aleatórias. Nasce do que experimento no meu cotidiano como Vigário, há oito anos, de uma das paróquias de Belo Horizonte. Sou padre há doze anos, mas comecei a refletir sobre os danos causados por nosso modelo racista de sociedade somente quando fui designado para trabalhar e viver em uma favela. O Aglomerado Santa Lúcia, Morro do Papagaio, foi constituído, há vinte anos, como a primeira paróquia formada, exclusivamente, por favelados em Belo Horizonte. A Paróquia recebeu o título de Nossa Senhora do Morro e tem como imagem de devoção uma mulher negra, representando Maria, mãe de Jesus, com uma bacia na cabeça e um Menino, também negro, nos braços.

Assim que cheguei percebi que as coisas não seriam fáceis, o preconceito e o racismo, que tanto me incomodavam, também estavam presentes no coração desta igreja que amo e da qual faço parte. Observando a realidade à minha volta, percebi que todas as paróquias da Zona Sul de Belo Horizonte, abastadas e ricas, tinham como párocos padres brancos e na única paróquia de favela estava o único padre negro da região. Eu poderia considerar tudo isso uma simples coincidência, mas é impossível não se notar “algo”. Estou falando das dezenas de paróquias localizadas nos bairros mais ricos de Belo Horizonte, habitados por grande maioria de brancos e cidadãos, com seus padres brancos, enquanto a favela, habitada por grande maioria de negros, tem um padre negro. Observei também que nas reuniões do clero a grande maioria é de brancos e que quase todos os padres negros, que são poucos, são responsáveis por paróquias das periferias e das favelas. Pensei: “Será que

para as paróquias onde estão os negros são enviados só padres negros?” Observei também os casos onde padres brancos estão à frente de paróquias de maioria negra, geralmente são estrangeiros com espírito missionário e profético, dispostos a tudo pela causa do Evangelho.

Acredito ser importante narrar ou, quem sabe, denunciar, o dia que fui convidado para uma festa de natal na PUC-MG. Quando cheguei na portaria, seguindo o fluxo de veículos que se dirigiam para o evento, fui barrado pelo porteiro que me perguntou incisivo: “Para onde você está indo?” Respondi apreensivo: “Para onde estão indo todos os outros...” Ao que me perguntou insistente: “E você sabe para onde eles estão indo?” Respondi impaciente: “Olha, apesar de eu estar em um carro velho e barato, e, principalmente, ser NEGRO, eu estou indo para a festa dos padres, acredite!” Seria mais um “incidente” se, de fato, ao adentrar a festa eu não percebesse que era um dos pouquíssimos negros que estavam ali. Hoje não me admiro com o espanto do porteiro que percebeu que aquela festa, definitivamente, não era pra mim.

Em que momento da minha história não fui agredido pelo olhar preconceituoso e racista daqueles que detêm o poder de selecionar, acolher, encaminhar, formar, ordenar e empossar na Igreja Católica? Estar hoje em uma comunidade de maioria negra foi realmente uma escolha minha ou a Nossa Senhora do Morro, em Belo Horizonte, é uma das poucas paróquias onde um padre negro é bem vindo? Olho para os altos e médios escalões da hierarquia eclesiástica e só vejo brancos! São eles que decidem as formas de intervenção nas favelas e, também, onde e como será aplicado o dinheiro da igreja e não os padres negros, do chamado “baixo clero”, que trabalham e vivem nestas comunidades. O que detêm o poder na igreja não conseguem “entrar” neste universo e contruir algo diferente do que já vem sendo feito a séculos. Não entendem nossa luta, não vivem nossa realidade, não sofrem com o racismo e a discriminação que nos corrói. Talvez seja por isso que quando trago para a liturgia elementos da cultura negra e africana sou tachado de “Folclórico”.

Bem, não vou ficar esperando que me concedam um “lugar ao sol”. Não quero nada que me

seja concedido, quero só o que for fruto da luta e das conquistas históricas do meu povo negro. Ah, só pra provocar um pouquinho: Já estive em um Terreiro de Candomblé, no Bairro Milionários, em Belo Horizonte, e a Mãe de Santo, Mãe Wanda, se referiu a mim como um verdadeiro filho de Oduduwa, famoso Rei Africano, pai de diversas dinastias Iorubás. Na época não entendi o que ela queria dizer. Hoje, emocionado, agradeço!

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/existe-racismo-na-igreja-catolica>